NÚCLEO ARTÍSTICO LATITUDES AFRICANAS: AFRO-LINGUAGENS E CORPOS DANÇANTES

Israel Mawete Ngola Manuel [1], Bas'ilele Malomalo [2], Jucelia Bispo dos Santos [3]

RESUMO

O presente texto trata de relato de experiência na execução do projeto de extensão Núcleo Artístico Latitudes Africanas: afro-linguagens, literatura corpos e estéticas que, vinculado ao Programa de Bolsas de Extensão, Arte e Cultura - PIBEAC/UNILAB, visa proporcionar um espaço de formação e capacitação de artistas, a promoção da cidadania intercultural e o fortalecimento da cultura africana e afro-diaspórica através de ensino e aprendizagem de linguagens negras na sua interface com o corpo, línguas, literatura e estéticas. Pretende-se relatar as intervenções feitas no âmbito de extensão acadêmica como forma de combinar os conhecimentos acadêmicos e das vivências comunitárias. Sendo que, desde janeiro até setembro desenvolveu-se atividades e manifestações artística que atenderam a proposta do projeto onde aplicou-se as metodologias de participação coletiva pautada na pedagogia de Ubuntu. A maior parte das atividades foram realizadas em duas cidades baianas: São Francisco do Conde e Salvador, através do ensino de danças de salão angolana (semba e kizomba), como também outras danças africanas. Sendo que, obteve-se como resultados a satisfação por parte das pessoas envolvidas com depoimentos que apontavam a necessidade da existência de projetos desta natureza.

Palavras-chave:

Danças de salão. Semba. Kizomba.

[1] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - Campus dos Malês , Discente, e-mail: mauelisrael@gmail.com
[2] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - Campus dos Malês, Docente, e-mail: basilele@unilab.edu.br
[3] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - Campus dos Malês, Docente, e-mail: juceliasantos@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

O Núcleo Artístico Latitudes Africanas: Afro-Linguagens, Corpos, Literatura e Estéticas - 2019 (NALA) é um projeto de extensão que pertencente ao Programa Latitudes Africanas. É um espaço de formação e capacitação de artistas e visa a promoção da cidadania intercultural e o fortalecimento da cultura africana e afro-diaspórica através de ensino e aprendizagem de linguagens negras na sua interface com o corpo, línguas, literatura e estéticas.

O projeto tem realizado inúmeras atividades de formação e capacitação artística e acadêmica através de encontro de planejamento de atividades, seminários e intervenções públicas e virtuais. Na sua primeira edição, optou-se em privilegiar as linguagens e estéticas angolanas, trabalhando com as danças e músicas desse país com foco no Semba, Kizomba.

O objetivo principal deste texto é relatar as experiências adquiridas pelo bolsista no projeto, em especifico descrever e refletir sobre os momentos vivenciados através do artivismo conjuntamente com a equipe do programa e do projeto.

METODOLOGIA

Para a execução foi aplicada as metodologias do fazer coletivo que a filosofia de Ubuntu proporciona no sentido a se pensar e fazer a arte sempre como uma forma de educação que visa a emancipação pessoal e coletiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Corpos na perspectiva arte negra

Conforme Coli (1995), a arte seria uma forma pela qual culturalmente se envolve a questão discursiva, o que é local e as diferentes formas de admiração do universo. Desta forma através da arte, ou seja, das artes os povos desenvolveram cultura milenar como forma de percepção do universo a sua volta.
Aguiar e Bastos entendem que "a arte apresenta uma transformação interna que a conduziu a um grau superior de autonomização da sua linguagem simbólico-formal, conforme se estetizou em torno de uma imagem/conceito sobre ela mesma" (2013, p. 182).

Além do que se pode observar como beleza na arte, existem outros aspectos que estão intrinsicamente ligadas a ela a partir da sua forma de expressão através de diferentes tipos de linguagens sejam estes por intermédio da expressividade corporal, poética e estética. De sorte que as pessoas buscam essas formas de expressões como forma de se fazerem perceber ao mundo a fora.

Por Afro-linguagens entende-se como diferentes formas que as pessoas negras buscam para explicarem as suas existências através do fazer coletivo, como se observa nos conceitos Ubuntu2 (RAMOSE, 2011; 2010 MALOMALO, 2017) que mostram o relacionamento entre as pessoas nas sociedades africanas a partir de uma perspectiva de coexistência mutua.

Esse fazer conjunta proporciona aquilo que pode ser chamado de ética da coexistência através de aprender, ensinar, pensar, agir e mover coletivo. A este se associam os corpos e as estéticas que definem as pessoas segundo aspectos que podem ser entendidas socialmente e politicamente. Para Oyewùmí e Freitas Neto e Pinho (2018, 2), "[a]o corpo é dada uma lógica própria. Acredita-se que, ao olhar para ele, pode se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas".

Em outras palavras se diz o modo pelo os quais os corpos são rotulados de acordo com os interesses políticos sociais dos diferentes grupos. Como por exemplo, biologicamente falando, os corpos têm uma outra proporção que podem ser diferenciados entre homens e mulheres. O corpo é complexo e entendido de concepções diferentes.

Oyewùmí, Freitas Neto e Pinho (2018) fazem uma distinção nas palavras cosmovisão (forma de ver o

mundo) e cosmopercepção (forma de perceber o mundo), mostrando que, o corpo não deve ser entendido unicamente através do que se vê, como a tradição Ocidental tende explicar a existência dos corpos. Mas também deve-se associar a percepção como é em algumas culturas como as africanas o caso de ioruba por onde se considera as suas múltiplas dimensões do corpo.

O corpo está entrelaçado com a estética tendo em conta, que a expressão artística como meio da sua expressividade. Portanto, a estética é entendida como ciência e também arte. Observar na estética o saber-fazer, ou seja, o belo na manifestação artística.

Semba e Kizomba contextos históricos e suas práticas sociais

Os países africanos se tornam Estados Nações em contexto alvoroçado. A tempestade da modernidade europeia arrastou este continente de modo que se desestruturou aponto de chegar à deriva do Ocidente. O processo de colonização do continente africano se deu de várias formas, contudo, os povos africanos e africanas desencadearam lutas de diferente maneiras para alcançarem as suas independências.

No contexto angolano a música propriamente o semba foi uma das forma de resistência e de luta contra a opressão colonial. Semba é estilo musical e dança angolana que geralmente é dançada par. De acordo com Kuschick (2015), o semba se consagrou enquanto música popular e simbólico do povo angolano a partir dos anos 60 do século passado até a nossa atualidade.

Os bairros da cidade de Luanda: Sambizanga, Prenda, Rangel e Terra Nova são conhecidos comumente como berço deste estilo musical e por onde se desenvolveu. Tal como semba, kizomba surge no período de pós independência de Angola como uma proposta rítmica dançante e festivo, aliás, o significado da palavra kizomba de kimbundu para português é festa (KUSCHICK, 2016), embora o país estivesse entrado em uma outra fase de conflito (guerra civil) entende-se que fora momento de celebrar a independência alcançada.

Os dois estilos surgem no contexto diferentes e que podem ser paralelos naquilo que entendemos construção indenitária do povo angolano culturalmente. Atualmente, não existe festa ou convívio do tipo angolana que essas músicas não se fazem presente.

Vivências e experiências no NALA

Como diz Malomalo "toda ciência é feita a partir, mediante e para o Ntu3, a Vida em suas diversas manifestações" (2017, p. 7). O contato entre os corpos dançantes de fato, as energias dos corpos se conectam de modo a tornar um só. Então, as danças pares como o nome diz não se faz por uma só pessoa, elas são coletivas no qual os corpos se relacionam fazendo movimentos compartilhados entre os pares.

Realizou-se de seis (6) encontros de orientações entre coordenadora e bolsista na elaboração de materiais didáticos e pedagógicos, cinco (5) encontros de caráter interventivo artístico (danças africanas) na orla da cidade de São Francisco do Conde, realizou-se uma (1) oficina ritmos e danças afro-latino-americano. Ofereceu-se uma (1) palestra e uma (1) oficina no III Fórum Negro de Arte e Cultura da UFBA; e participou e ofertou-se uma (1) oficina de danças no IV Festival das culturas da UNILAB. Publicou-se 1 texto sobre a intervenção feita na UFBA no boletim da PROEX do mês de março e abril. Temos outras publicações feitas na página de face book Latitudes Africanas. Sendo que o programa realizou III semana da África na Bahia, no qual ofertou-se uma (1) oficina de danças e discotecas africanas na Aliança Francesa em Salvador/Barra, a participação com uma (1) roda de conversa e oficina no seminário "Sons da África - Introdução às músicas populares africanas: África do Sul - Angola - Congo - Senegal" realizado no Goethe-Institut Salvador-Bahia e um (1) oficina de dança no Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes em Salvador-Bahia.

Como se verifica foram aprendizados das vivencias e escrevivências (OLIVEIRA, 2009) com um alcance de cerca de 200 pessoas dentro da UNILAB - Malês e cerca de mais 1000 pessoas durante os encontros rotativos e itinerantes na cidade de Salvador - Bahia.

CONCLUSÕES

O projeto proporcionou momentos de reflexões através das artes africanas e diálogos na perspectiva da filosofia de Ubuntu. Assim, foi possíveis compreender outros saberes quando combinados o conhecimento acadêmico é possível integrar pessoas de diversas naturezas. Deseja-se que trabalhos como desse projeto possam continuar e com abertura para as demais comunidades do Recôncavo Baiano, pois, foi possível observar o potencial desta região relativa produção artística em suas diversas manifestações.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao PIBEAC/UNILAB, ao Programa Latitudes Africanas na pessoa de Prof. Dr. Bas'Ilele Malomalo e à coordenadora do projeto Núcleo Artístico Latitudes Africanas: Afro-Linguagens, Corpos, Literatura e Estéticas - 2019 Profa. Dra. Jucelia Bispo dos Santos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. V.; BASTOS, N. Arte como conceito e como imagem: a redefinição da" arte pela arte". *Tempo Social*. 25.2. 181-203. 2013.

COLI, J. **O que é Arte**. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo - SP, 1995.

MATTOS, I. G. de; SILVA, A. Vício Cacheado: Estéticas afro-diaspóricas. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. *ABPN*. 6.14: 214-235. 2014.

KUSCHICK, M. B. O semba angolano pré-independência (1961-1975): relações entre música e política. Anais VII ENABET. Florianópolis, Campus da Universidade Federal de Santa Catarina - *UFSC* 25 a 28 de maio de 2015.

_____ . Kotas, mamás, mais velhos, pais grandes do semba: a música angolana nas ondas sonoras do atlântico negro. Tese (doutorado). *Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes*. Campinas. SP.[s.n.], 2016.

MALOMALO, B. Estudos africana ou novos estudos africanos: Um campo em processo de consolidação desde a diáspora africana no Brasil. *CAPOEIRA*. Revista de Humanidades e Letras. 3. 2. 16-50. 2017.

OLIVEIRA, L. H. S. de. " Escrevivências" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*. 17.2: 621-623. 2009.

OYEWÙMÍ, O.; FREITAS NETO, L. de; PINHO, O. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. N*ovos Olhares Sociais*. 1.2. 294-317. 2018.